



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE LETRAS INGLÊS**

JOSÉ WEMERSON DA SILVA

***HERLAND* E A BÍBLIA: RESSIGNIFICAÇÕES DO TEXTO BÍBLICO NA
CONSTRUÇÃO DA NARRATIVA DE CHARLOTTE PERKINS GILMAN**

**CAMPINA GRANDE
2022**

JOSÉ WEMERSON DA SILVA

***HERLANDE* E A BÍBLIA: RESSIGNIFICAÇÕES DO TEXTO BÍBLICO NA
CONSTRUÇÃO DA NARRATIVA DE CHARLOTTE PERKINS GILMAN**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Departamento de Letras e Artes e à Coordenação do Curso Letras- Inglês da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduação em Letras- Inglês.

Área de concentração: Literatura

Orientador: Prof. Me. Giovane Alves de Souza

**CAMPINA GRANDE
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586r Silva, Jose Wemerson da.
Herland e a Bíblia [manuscrito] : ressignificações do texto bíblico na construção da narrativa de Charlotte Perkins Gilman / Jose Wemerson da Silva. - 2022.
24 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Inglês) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2022.

*Orientação : Prof. Me. Giovane Alves de Souza ,
Coordenação do Curso de Letras Inglês - CEDUC.*

1. Literatura. 2. Bíblia. 3. Ressignificação. 4.
Intertextualidade. I. Título

21. ed. CDD 801.95

JOSÉ WEMERSON DA SILVA

*HERLAND E A BÍBLIA: RESSIGNIFICAÇÕES DO TEXTO BÍBLICO NA CONSTRUÇÃO DA
NARRATIVA DE GILMAN*

Trabalho de Conclusão de Curso
(Artigo) apresentado à Coordenação
do curso de Letras-Inglês e ao
Departamento de Letras e Artes da
Universidade Estadual da Paraíba,
como requisito parcial à obtenção do
título de graduado(a) em Letras-
Inglês.

Área de concentração: Literatura.

Aprovada em: 25/07/2022.

BANCA EXAMINADORA

Giovane Alves de Souza

Prof. Me. Giovane Alves de Souza (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

NOTA: 10,0

Joselito Porto de Lucena

Prof. Me. Joselito Porto de Lucena
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

NOTA: 10,0

Emanuelle Valéria Gomes de Lima

Profa. Ma. Emanuelle Valéria Gomes de Lima
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

NOTA: 10,0

MÉDIA FINAL: 10,0

Aos que serviram de exemplo e espelho durante minha jornada, DEDICO.

“A riqueza da Bíblia como obra literária reside, portanto, mais na complexidade e intensidade de tramas e personagens que na narração prolixa e detalhista.”
(MAGALHÃES)

SUMÁRIO

1	CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	7
2	BÍBLIA, LITERATURA E INTERTEXTUALIDADE	8
3	HERLAND E A BÍBLIA	12
3.1	O jardim do Éden e a Terra das Mulheres	13
3.2	O dilúvio e o deslizamento	17
3.3	A virgem Maria e a matriarca	19
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	21
	REFERÊNCIAS	22

HERLAND E A BÍBLIA: RESSIGNIFICAÇÕES DO TEXTO BÍBLICO NA CONSTRUÇÃO DA NARRATIVA DE CHARLOTTE PERKINS GILMAN

José Wemerson*

RESUMO

A literatura tem sido, desde sua origem, influenciada pelas mais diversas escrituras ao longo dos séculos, sendo a Bíblia um texto base do pensamento ocidental é evidentemente notável sua expressiva função na construção de narrativas literárias. Tendo isto em vista essa pesquisa busca por, primeiramente, identificar influências bíblicas na construção da narrativa de Charlotte Perkins Gilman, em seu romance *Herland: a terra das mulheres*, além de discutir como tais narrativas bíblicas foram ressignificadas em sua obra. Em seguida iremos discutir a resistência presente na atualidade em reconhecer o texto bíblico como literário apesar de toda sua influência ao longo da história. Para tal nossa análise conta com as contribuições de Chevalier e Gheerbrant (2015); Koch *et al* (2008); Samoyault (2008); Magalhães (2008, 2012); Lima (2015) entre outros. A partir desta pesquisa foi possível considerar que o romance de Gilman possui uma relação intertextual com os escritos bíblicos e que essa relação se dá em sua grande maioria através de alusões.

Palavras-chave: Literatura. Bíblia. Ressignificação. Intertextualidade.

ABSTRACT

The literature has been, since its origins, influenced by various scriptures along the centuries, the Bible being a text that is used as the basis of the occidental thought is of evidently expression in the construction of literary narratives. Having this in mind this research aims to, firstly, identify biblical influences in Charlotte Perkins Gilman's narrative construction in her book *Herland* in addition to discuss how these biblical narratives were resignified in her work. Next, we are going to discuss the reluctance in recognizing the biblical text as literature despite all its influence throughout the history. In this perspective our analysis will count with the contributions of Chevalier and Gheerbrant (2015); Koch *et al.* (2008); Samoyault (2008); Magalhães (2008, 2012); Lima (2015) and others. From our research we were able to consider that Gilman's romance has an intertextual relation with the biblical scriptures and that this relation occurs in major by allusion.

Keywords: Literature. Bible. Resignification. Intertextuality.

* Graduando em Letras-Ingês pela Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: jwes.silva@gmail.com

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Desde os seus primórdios, a humanidade procura descrever os acontecimentos que resultaram em seu surgimento e sua jornada no planeta Terra. Um dos mais antigos modos de descrever esses acontecimentos é por meio de crenças religiosas e, baseadas nelas, sociedades se ergueram e foram levadas a ruína. Destes textos religiosos, aquele mais influente no ocidente até os dias contemporâneos é a Bíblia Hebraica. Sua influência no decorrer da história humana é de proporções imensuráveis.

O campo das artes foi talvez o mais influenciado pelos escritos bíblicos. As representações das histórias bíblicas transcenderam o tempo. As pinturas, esculturas e a arquitetura do Alto Renascimento são alguns dos exemplos de como essa influência fertiliza a mente humana de forma a incentivar o processo criativo. No que se diz respeito à escrita literária não foi diferente. Clássicos como os de Milton (*Paraíso perdido*) e Dante (*A divina comédia*) são ilustrativos dessa estimulação da criatividade através do sagrado.

Foi com isso em mente que surgiu a ideia desta pesquisa. Ao realizarmos a leitura da obra *Herland: A Terra das Mulheres* (doravante apenas *Herland*), de Charlotte Perkins Gilman, pudemos claramente notar a presença de trechos similares aos bíblicos presentes na descrição dos acontecimentos do país fictício configurado na escrita. Desta forma, essa pesquisa se faz necessária por proporcionar uma análise da intertextualidade destas referências bíblicas na obra *Herland*, além de discutir como as narrativas bíblicas foram ressignificadas por Gilman para construir a narrativa do país fictício. É importante ressaltar que mesmo o texto bíblico sendo considerado um artefato de registro histórico por grande parte dos historiadores atuais, ele será utilizado de forma exclusivamente literária nesta análise.

Faz-se necessário mencionar, mesmo que de forma breve, a biografia da autora. Romancista, poeta, filósofa e ativista pelos direitos das mulheres Charlotte Perkins Gilman (1860 – 1935) foi uma norte-americana a frente de sua época. Suas obras são consideradas de extrema importância no referente ao papel feminino na sociedade. Após uma depressão pós-parto e a negligência médica (comum na época para casos como o da autora) ela escreve sua obra de maior impacto, *O papel de parede amarelo*, que retrata justamente como a sociedade julgava e negligenciava os aspectos psicológicos femininos. Após o diagnóstico de um câncer de mama incurável Gilman cometeu suicídio em 1935.

Para embasar e justificar nossa abordagem do texto bíblico como obra literária utilizaremos dos estudos realizados por Magalhães (2008, 2012) que irão debater sobre a resistência da crítica literária em reconhecer e trabalhar os escritos bíblicos como texto literário. Faremos também o uso do dicionário de símbolos de Chevalier e Gheerbrant (2015) para validar nossa interpretação simbólica. Com o uso da pesquisa de Nunes Júnior (2017) iremos tratar a terra como um personagem tanto na Bíblia quanto em *Herland*. Por fim, para validar nossa identificação de passagens bíblicas em trechos do romance, faremos uso da teoria da intertextualidade a partir dos estudos de Koch *et al* (2008) e Samoyault (2008).

Este trabalho foi feito sob o uso da abordagem qualitativa e como a pesquisa realizada fará uso de análises literárias para embasar a interpretação da obra, podemos afirmar que o método utilizado será a pesquisa bibliográfica, que como bem apontam Marconi e Lakatos “é um apanhado geral sobre os principais trabalhos já realizados, revestidos de importância, por serem capazes de fornecer dados atuais e relevantes relacionados com o tema” (2003, p. 158).

A presente pesquisa é organizada da seguinte maneira: inicialmente apresentamos o texto bíblico como literário, baseado nas pesquisas de Magalhães (2008, 2012); em seguida, apontamos os estudos de Koch *et al* (2008) e Samoyault (2008) sobre a Intertextualidade. Trazemos então um breve resumo da obra apontando de modo geral as passagens bíblicas presentes nela além de especificar os textos bíblicos que serão considerados em nossa análise. Logo após iniciamos nossa análise identificando aspectos do jardim do Éden no país fictício do romance; passagens referentes ao dilúvio nos acontecimentos que levaram a extinção de todos os homens do país e por último, características similares da concepção da virgem Maria ressignificadas na primeira matriarca. Finalizamos com nossas considerações a respeito de nossa análise, e sobre a presença do intertexto bíblico no romance *Herland*.

2 BÍBLIA, LITERATURA E INTERTEXTUALIDADE

Como já mencionado anteriormente, foi ao analisar a forma que o texto bíblico foi ressignificado na obra de Gilman que a ideia para a pesquisa surge. É preciso ressaltar que utilizaremos a Bíblia como uma obra literária para a melhor interpretação da obra *Herland*. No entanto, como aponta Magalhães (2008), existem diversos percalços para o reconhecimento pelo meio acadêmico e religioso da Bíblia como literatura:

O primeiro motivo é que a Bíblia foi vista, por alguns, como livro da instituição religiosa e não como livro da cultura e de processos civilizatórios complexos. Nesta pré-compreensão teológica ou confessional dos textos, como se ali fosse seu único reduto hermenêutico permitido, encontramos um dos principais fatores que obstaculizam o grande trabalho de crítica e teoria literária sobre o papel da Bíblia no desenvolvimento da literatura ocidental. Esta dificuldade existe de ambos os lados, seja pelos que se consideram guardiães da Bíblia como livro sagrado e inspirado, seja pelos que se consideram defensores de uma crítica literária que não reconhece o tema da religião como constitutivo e estruturante de parte da literatura ocidental (MAGALHÃES, 2008, p. 2).

Além dessa resistência tanto da parcela religiosa quanto da parcela crítica literária, existe ainda um problema de cunho curricular nas instituições universitárias, o próprio fato de a Bíblia não ser inserida e estudada junto aos clássicos mundiais da literatura em cursos de graduação reforça essa resistência de reconhecimento da obra Bíblica como texto literário (MAGALHÃES, 2008, p. 3). Em contrapartida, o próprio Magalhães aponta características literárias nas escrituras bíblicas, como ele bem defende

[a] linguagem bíblica é também literária no sentido de ser marcada pela tensão e oscilação de personagens, o que sugere que estas podem crescer, serem alteradas no decorrer das narrativas. Em vez da imutabilidade de um Deus, o que temos é um personagem constante, mas mutável. O Deus único, por exemplo, é de certa forma, a convergência de várias divindades, estas personagens ocultas muitas vezes na superfície dos textos, mas constitutivas das identidades do personagem Deus. Não há monotonia nos personagens bíblicos (MAGALHÃES, 2012, p. 140).

O excerto supracitado nos apresenta que não apenas o texto bíblico é literário, mas que também Deus é um personagem riquíssimo em desenvolvimento no decorrer da narrativa bíblica. Dessa forma, fica evidente que essa discussão só se mantém até o momento por questões pertinentes aos indivíduos e não a conceituação ou caracterização do que é ou deixa de ser um texto literário.

Nesta perspectiva de abordagem do texto bíblico como literatura, vários autores buscam diferentes pontos de partida na teoria literária que justifiquem trabalhar o texto religioso também como texto literário. Brandão da Silva (2016) tem como ponto de partida a visão de que a religião e a literatura possuem a metáfora como um ponto em comum. Para ele o ser humano está em contato com o sagrado muito antes de desenvolver a linguagem escrita, deste modo, a linguagem aparenta ser limitada ao produzir sentido para esta ancestral sensação inerente ao ser humano e a única forma eficaz para dizer o inominável é através do uso de metáforas, transcendendo assim o campo semântico da linguagem e inserindo o sagrado na dimensão simbólica (BRANDÃO DA SILVA, 2016, p. 3-4). O que nos leva a refletir sobre a linguagem usada em textos religiosos. Durante séculos o Latim foi usado com o propósito de pregação das escrituras cristãs e a língua adquiriu o status, assim como os textos bíblicos, de língua litúrgica ou sagrada. Brandão da Silva irá afirmar que:

[n]enhuma língua é sagrada. Nem mesmo aquelas que foram usadas durante muito tempo quase que exclusivamente para fins sagrados. Enquanto meios de comunicação, todas as línguas servem para expressar mensagens profanas ou sagradas. Tampouco se pode reconhecer um modo sagrado de escrever. Todavia parece ser característica comum aos textos fundantes das religiões certa natureza simbólico-metáforica, estando a sua potencialidade no caráter plurissignificativo de sua linguagem, em sua vocação de não dizer completamente, nem ocultar, mas apenas sugerir (BRANDÃO DA SILVA, 2016, p. 5).

Se até mesmo as línguas usadas com o propósito exclusivo de pregar e converter não devem ser consideradas sagradas, por qual motivo textos criados com o intuito de pregação da palavra divina devem ser considerados imaculados? Não devem, pois a linguagem metafórica usada nos textos sagrados abre espaço para múltiplas interpretações e conseqüentemente para uma leitura literária de tais, e de acordo com Brandão da Silva essa característica é o que define a literatura

Isto porque as obras poéticas, como as metáforas vivas, não são traduzíveis, apenas podem ser interpretadas. E, pelo excesso de significação que lhe é próprio, elas se abrem a várias interpretações, por meio das quais vários conteúdos, inclusive o teológico, podem se revelar ao mesmo tempo, mas o leitor não é intimado a reconhecer uma interpretação como a verdade única e absoluta, pois na obra poética se revela o uso positivo e produtivo da ambiguidade, possibilitando a revelação da verdade de várias perspectivas. E é nesta sua potência plurissignificativa que também se revela o seu caráter atemporal, pois as obras sempre são passíveis de se recontextualizarem pelas leituras, ao mesmo tempo em que estas engendram sempre reescritura. A natureza da obra literária implica, portanto, o conflito das interpretações, impedindo o sepultamento da obra numa leitura unívoca, monológica, autoritária, dogmática (BRANDÃO DA SILVA, 2016, p. 12).

Tal conflito de interpretações é possível na obra bíblica e desta forma possibilita a ambiguidade e conseqüentemente a interpretação literária do texto religioso. Não

existe verdade absoluta na interpretação literária e assumir que uma leitura/interpretação é superior a outra de forma ditatória é desconsiderar justamente o que torna um texto atemporal. As múltiplas interpretações são de certo modo o que mantem os clássicos ativos no inconsciente coletivo.

Lima (2015) vai se aprofundar nos estudos dos textos bíblicos e afirmar que os escritos são além de tudo ficcionais, no entanto existe uma resistência profunda devido a interpretação errônea do termo ficção. “Um dos motivos que dificultam o diálogo a esse respeito é a compreensão limitada que em geral se tem de ficção” (LIMA, p. 155). Devido a essa limitada compreensão sobre o que é de fato ficcionalidade o autor aponta algumas características do texto fictício. Para tal, ele aponta que “[q]uando a realidade repetida no fingir se transforma em signo, ocorre forçosamente uma transgressão de sua determinação. O ato de fingir é, portanto, uma transgressão de limites. Nisso se expressa sua aliança com o imaginário” (ISER, 2013, p. 33 *apud*, LIMA, 2015, p. 157). Ou seja, o texto ficcional não é “falso”, mas sim um texto que tem como base a realidade e faz uso do imaginário para transgredir os limites do real.

Ao descrever o que significa tratar a Bíblia como ficção, ele bem aponta no exceto seguinte:

Não se trata de encarar seus personagens como sujeitos que nunca existiram, ou os cenários que descrevem como mundos puramente imaginários; o que se pede é que se pense em todo texto literário, inclusive o bíblico, como uma representação estética que necessariamente transcende a realidade e limita o imaginário humano. Isso parece responder parcialmente à questão da leitura religiosa e fundamentalista que, ignorando o modo como temos definido ficção com base em Iser, parece se apoiar sobre aquele senso comum que induz o leitor religioso a encarar toda ficção como mentira (LIMA, 2015, p. 158).

De tal modo, todo texto literário é fictício, pois transpassa o limite da realidade e forçam os leitores a imaginarem apenas o que é dito. Sendo assim, o texto bíblico, por ser literário é também fictício.

Nunes Júnior (2017) em sua pesquisa vai além e nos traz um estudo pertinente ao trabalhar a terra como um personagem na narrativa de Gênesis capítulos do 1 ao 9, ele aponta que da terra “o homem nasce e, de certa forma, recebe o nome (Gn 2:7). Além disso, a terra é dada ao homem para ser subjugada, cuidada e trabalhada (Gn 1:28; 2:15). A terra também é fonte do alimento que lhe irá manter a vida (Gn 1:9-12, 29-30, 2:16)” (2017, p. 13). Ao observar essa relação homem e terra na Bíblia é possível notar que a interação entre eles é de tamanha proximidade que é válido olhar para a terra como um personagem. Assim como na Bíblia, a terra possui um papel de destaque na narrativa de *Herland*, é ela que priva a população do contato com o mundo exterior, dessa forma será muito válida a análise de Nunes Júnior para a melhor realização da analogia da terra no romance de Gilman com a terra no texto bíblico.

Para melhor fundamentarmos nossa pesquisa sobre a presença de textos bíblicos no romance de Gilman nos basearemos na teoria da intertextualidade, de acordo com Koch *et al* (2008)

A intertextualidade *stricto sensu* (daqui por diante, apenas *intertextualidade*) ocorre quando, em um texto, está inserido outro texto (intertexto) anteriormente produzido, que faz parte da memória social de uma coletividade ou da memória discursiva (*domínio estendido de referência*, cf. Garrod, 1985) dos interlocutores. Isto é, em se tratando de Intertextualidade *stricto sensu*, é necessário que o texto remeta a outros textos ou fragmentos de textos

efetivamente produzidos, com os quais estabelece algum tipo de relação (KOCH *et al.* 2008, p. 17).

Ou seja, a intertextualidade é a presença, seja ela explícita ou implícita, de um texto em outro texto, ela pode acontecer em forma de sátira, citação, alusão entre outras. Como cada texto precede outro todo texto é, de tal modo, intertextual. “O texto aparece então como o lugar de uma troca entre pedaços de enunciados que ele redistribui ou permuta, construindo um texto novo a partir dos textos anteriores” (SAMOYAULT, 2008, p. 18). Existe então uma biblioteca comum a todos os textos e ela provê ao escritor intertextos suficientes para a construção de sua escrita.

Apesar de sua breve história, a Intertextualidade tem sofrido uma “inflação de definições”, por ser um termo muito versátil e aplicável em diversas áreas de conhecimento (SAMOYAULT, 2008). É necessário então buscar uma definição mais restrita que englobe o termo de forma geral. Samoyault (2008) busca melhor defini-lo, ela afirma que a intertextualidade deve ser compreendida antes de tudo como uma prática do sistema de cumplicidade dos textos” (SAMOYAULT, 2008, p. 43). Ao definir em quais práticas devem ser consideradas a intertextualidade ela aponta que quando:

o texto refere-se diretamente a textos anteriores, segundo modos de integração bem visíveis [...] O texto joga com a tradição, com a biblioteca, mas em vários níveis, implícitos ou explícitos [...] O texto é inteiramente construído a partir de outros textos, o intertexto parece seu dado dominante (SAMOYAULT, 2008, p. 44 – 45).

De tal modo deve ser considerado Intertextualidade, de forma mais específica, toda citação, referência indireta e apropriação de um outro texto. Em nossa análise identificamos o que a autora chama de jogo com a tradição da biblioteca de intertextos já que a obra faz uso de um dos textos mais conhecidos da literatura ocidental e o ressignifica em sua escrita.

Ao decorrer sobre os graus de explicitude e implicitude da Intertextualidade, Koch *et al.* (2008), irá afirmar que

É como se a *citação* se situasse no ponto mais alto de uma escala de explicitude, de marcação. Num grau mais baixo, poderíamos inserir a Intertextualidade por *referência*, que [...] como a *citação*: requer do co-enunciador um conhecimento prévio do texto a que pertence [...] Já a *alusão* e o *plágio* se localizam num grau mais baixo da escolaridade e se aproximariam da implicitude. O que distingue a *referência* da *alusão* é justamente a tentativa de implicitude desta última: “Reputamos a alusão como uma espécie de referência indireta, como uma retomada implícita, uma sinalização para o co-enunciador de que, pelas orientações deixadas no texto, ele deve apelar à memória para encontrar o referente não-dito” (cf. Cavalcante, 2006: 5). Na *alusão*, não se convocam literalmente as palavras nem as entidades de um texto, porque se cogita que o co-enunciador possa compreender nas entrelinhas o que o enunciador deseja sugerir-lhe sem expressar diretamente (KOCH *et al.* 2008, p. 127).

Essa divisão nos ajuda a melhor entender que a intertextualidade pode estar presente de forma tanto explícita quanto implícita nos textos e que esse grau de diferenciação irá ditar a possibilidade de identificação do intertexto pelo co-enunciador (o leitor). Quanto menor o grau de explicitude do intertexto mais será exigido da memória do co-enunciador para a captação do intertexto presente na obra. No entanto, como cada indivíduo possui uma memória diferenciada e não totalizada de acordo a memória que é trazida pelo texto estes estão sujeitos a contínua

“variabilidade de sua recepção” o que possibilita múltiplas interpretações da mesma obra (SAMOYAULT, 2008, p. 91 – 92). Os intertextos bíblicos identificados na obra de Gilman são alusões, o que, como já visto, implicam na dependência da memória discursiva do leitor para sua identificação. “A alusão depende mais do efeito de leitura que as outras práticas intertextuais: tanto pode ser não lida como pode também o ser onde não existe” (SAMOYAULT, 2008, p. 51). Tendo isto em vista, teremos o máximo de cautela possível para que não realizemos o equívoco de identificar alusões onde elas não existem, pra tal os estudos de Chevalier e Gheerbrant (2015) serão um suporte para apontar características importantes dos símbolos mesmo estes, em algumas das vezes, não sendo alusões diretas ao texto bíblico.

Com base nesses autores é possível defender que por ter sido concebido originalmente como texto religioso a Bíblia Hebraica contém, até os dias atuais, uma base fiel de defensores do texto como sagrado e inquestionável, do lado da crítica literária essa concepção parece também ter sido fortemente adquirida. O que os autores trazem à tona é que uma leitura literária da Bíblia não anula sua significação religiosa e nem que a visão do texto como sagrado irá eliminar interpretações literárias de tal, nesse caso o meio termo é possível desde que as visões voltadas ao texto bíblico sejam baseadas em teoria e respeito para com o material. A teoria da Intertextualidade é, portanto, a base para nossa identificação dos trechos bíblicos em *Herland*, a partir dela poderemos afirmar se o texto bíblico foi ou não ressignificado na escrita de Gilman.

3 HERLAND E A BÍBLIA

O texto de Gilman tem início com três amigos aventureiros Vandyck Jennings, sociólogo e narrador personagem, Terry O. Nicholson e Jeff Margrave indo em uma expedição para mapear uma parte remota do globo, através de conversas com as tribos locais eles percebem uma lenda em comum sobre uma terra habitada apenas por mulheres. Após se afastarem do grupo ao tentarem descobrir se tal lenda era verdadeira o grupo de amigos é guiado por um nativo até a borda de altos precipícios nos quais ele aponta que tal raça habita. Os três amigos prometem manter segredo e se organizam para retornarem ao local com uma expedição pessoal.

Após toda organização de recursos e mantimentos, os três amigos retornam ao ponto no qual supostamente esse país habitado apenas por mulheres é localizado. Ao sobrevoarem o local foi possível notar que um povo civilizado vivia naquela região remota, eles resolveram então pousar na floresta e seguirem a pé para tentarem fazer contato com os povos da região. Ao caminharem pela floresta os exploradores se deparam com uma harmonia nunca vista antes, como se toda floresta fosse cultivada. Eles então fazem o primeiro contato com três belas jovens, Alima; Ellador e Celis que apesar da limitação linguística conseguem se apresentar. Terry tenta então capturar uma delas sem sucesso, ao continuarem rumo a civilização eles começam a notar que apenas mulheres estão naquele meio e ao adentrarem na cidade são capturados e levados prisioneiros.

Durante sua prisão eles recebem tratamento privilegiado e são permitidos praticar esportes e caminharem em um jardim com a supervisão de algumas guardas, além de receberem da melhor literatura para a aprendizagem e desenvolvimento da língua nativa. Apesar do tratamento incomum Terry se sente na necessidade de escapar o quanto antes e convence seus dois amigos do mesmo, ao fazerem isso são capturados, mas não recebem nenhuma punição severa, passam apenas a serem

vigiados mais de perto e recebem cada um a tutoria de uma professora para desenvolver a língua nativa.

Quando a comunicação se torna possível o intercâmbio cultural tem início e este é o principal ponto da obra, o choque cultural presente em Terry, Jeff e Vandyck instiga o leitor a imaginar qual seria a reação daquele povo se tivesse contato com a sociedade da qual os três fazem parte, o que força os personagens a esconderem aspectos que para elas seriam de difícil entendimento. É durante essa troca que o leitor recebe a resposta para a principal pergunta da obra, como é possível um povo existir com apenas um dos sexos? A explicação é dada e descobrimos que nem sempre aquele país foi daquela forma, mas que uma série de acontecimentos os guiaram para que a terra fosse habitada apenas por mulheres até que um milagre ocorreu e uma dessas mulheres gerou vida e quando o tempo chegou suas filhas geraram vidas, até que todas elas se tornaram uma só família.

Apesar de aparentar ser um paraíso aquela terra populada apenas por mulheres, suas habitantes julgam que muito foi perdido com a extinção do outro sexo em sua sociedade, elas apresentam então seu plano de tornar seu povo novamente "bissexual"¹, ou seja, através de Terry, Jeff e Vandyck elas almejam reinserir o sexo masculino na sociedade. Deste modo os três amigos se casaram com as três jovens com as quais fizeram o primeiro contato. Jeff se uniu com Celis, Vandyck com Ellador e Terry com Alima. Apesar das diferenças culturais Vandyck e Jeff aparentam se adaptar com os termos de seus relacionamentos, Jeff e Celis concebem uma criança, Terry, no entanto, não aceita os termos de Alima e tenta estuprar sua parceira, ele é contido, julgado e expulso do país, Vandyck junto com sua esposa Ellador partem para levá-lo de volta a sua terra e assim o romance chega ao fim.

Como já foi apontado os principais aspectos da obra são as críticas a sociedade patriarcal que trata a figura feminina como inferior e o choque cultural ao se deparar com um povo composto apenas do sexo feminino, um dos principais objetivos da obra é demonstrar que as mulheres são igualmente capazes de agir e desenvolver atividades produtivas sem a dependência dos homens, no entanto essa não é a única camada pela qual essa obra pode ser interpretada. Apesar da forte crítica social o fator que mais me cativou durante a leitura foi a construção e o estabelecimento do próprio país. A autora toma posse de diversas narrativas bíblicas e as ressignificam na construção de seu país fictício. A narrativa do dilúvio é claramente a base para o extermínio de todos os homens e a purificação da terra. Maria e a virgem concepção são utilizadas na ideia da primeira matriarca. A organização do país, sua harmonia e utópica paz são baseadas nos aspectos presentes no jardim do Éden.

Além das narrativas bíblicas já aqui mencionadas algumas outras estão brevemente presentes na narrativa do romance, o próprio Terry afirma durante a expedição que se uma terra composta apenas de mulheres existir ele se tornaria o rei Salomão de tal local (GILMAN, 2018, p. 17). Existe ainda a possibilidade desta terra ser interpretada como a terra prometida ou até mesmo ao Monte Sinai, que foi o local no qual Moisés se refugiou para receber as tábuas da lei.

3.1 O jardim do Éden e a Terra das Mulheres

¹ O termo aqui usado não se refere à noção de bissexualidade contemporânea, na qual uma pessoa pode atrair-se afetiva e sexualmente por dois gêneros; mas sim na visão dicotômica heterossexual, isto é, *bissexual* aqui se refere aos homens e mulheres como dois polos das relações, não apenas um, que era o caso das mulheres de *Herland*.

No desenvolvimento da narrativa torna-se evidente que a terra de *Herland* é um paraíso para aqueles vindos de culturas diferentes, a inexistência de crimes e guerras ou disputas por poder é de certa forma imensurável para os visitantes. A organização e a seleção daquela terra nos remetem ao jardim do Éden, o próprio narrador afirma;

[n]ão consigo lembrar quanto notamos no momento e quanto complemento agora com meu conhecimento posterior, mas naquele mesmo dia animador vimos muitas coisas – uma terra perfeitamente cultivada, onde até as florestas pareciam bem cuidadas; uma terra que parecia um enorme parque, e ainda um enorme jardim (GILMAN, 2018, p. 20).

Essa organização utópica nos remete a perfeição do paraíso e a forma da qual Deus organizou cuidadosamente o jardim do Éden na narrativa bíblica. Não apenas os aspectos organizacionais fazem alusões ao Éden, como veremos mais adiante nesta sessão vários dos aspectos simbólicos presentes no romance remetem ao encontro com o sagrado.

Matiolevitz (2018) irá abordar *Herland* como uma utopia feminista, para tal a autora aponta a definição do termo a partir da etimologia da palavra e descreve algumas das características do gênero literário, ela afirma a seguir:

Ao tratarmos da etimologia da palavra utopia, em grego, temos “OU”, não, e “TOPOS”, lugar, logo, o não-lugar [...] o gênero da utopia sempre propõe uma reflexão de caráter crítico sobre algum aspecto, ou vários, de um determinado momento histórico, através da criação de um outro mundo, não raro ideal. Ou seja, uma realidade construída e produzida em contraponto com uma realidade vivida. Esta última é função dos valores dominantes na sociedade em contexto (MATIOLEVITZ, 2018 p. 44-46).

De tal forma é possível defender, assim como Matiolevitz, que o romance de Gilman é uma obra utópica que busca denunciar os absurdos da sociedade do século XX. A autora faz uso de diversas estratégias para denunciar os problemas da sociedade patriarcal, a mais comum delas é a surpresa, os personagens do texto aparentam sempre se surpreenderem no referente as mulheres realizando atividades que exigem destreza ou força física, algo tão comum naquela terra mas que em seu país eram exercidas apenas por homens.

Alguns dos fatores inalcançáveis que se concretizam no não-lugar da utopia de *Herland* são: uma sociedade sem qualquer tipo de competição; todas as decisões coletivas são tomadas levando em consideração o impacto que causarão nas crianças; a organização do país (tanto em controle populacional quanto em não enterrar os mortos para poupar espaço e o fato de toda uma floresta ser cultivada para abastecer o país); todas as mulheres, apesar de nem todas terem filhos, agirem como mães para todas as crianças. É de tamanha relevância todos os pontos apresentados aqui, no entanto Matiolevitz irá apontar, e nós concordamos, que as principais críticas são os estereótipos da sociedade do século XX, ela aponta:

Os estereótipos problematizados por Gilman são modelos de sistemas de representação limitantes, restringindo a discussão das questões teóricas e práticas à subjetividade. Em tal sentido, a utopia é um instrumento de denúncia dos desejos humanos, explícitos ou implícitos na individualidade e na coletividade; uma forma de resistência ao que está predeterminado, em prol da justiça para todos. Daí a associação corriqueira entre utopia e algo inatingível (MATIOLEVITZ, 2018, p. 69).

O que nos confirma que apesar daquele país fictício ser perfeito aos olhos dos visitantes, tais mudanças jamais poderiam ocorrer no “mundo real” já que apesar do desejo dos seres humanos para a mudança e a melhora, estes estão presos a um sistema econômico que impede a mudança drástica. Apesar dos avanços alcançados pela luta feminista do século XX até os dias atuais, nossa sociedade jamais alcançará o sonho de uma terra harmônica devido aos limites impostos pelo sistema econômico capitalista.

As considerações de Chevalier e Gheerbrant (2015) possibilitaram estabelecer o elo entre o Éden e Herland por, na grande maioria dos símbolos apresentados por eles, ter sido levado em consideração a significação de tal símbolo na tradição cristã. Foi a partir disto que pudemos realizar não somente a análise entre o Éden e Herland, mas a análise de todos os pontos presentes neste trabalho.

Vergara ao analisar o dicionário de símbolos de Chevalier e Gheerbrant afirma que o jardim representa “em diferentes culturas: o paraíso terrestre, o centro do cosmo geralmente dividido em quatro partes, um lugar paradisíaco, o luxo, a beleza, a cultura em oposição a natureza selvagem, o mundo celestial, um sonho do mundo fora do mundo” (2005, p. 121). O fator organizacional do jardim do Éden é bem evidenciado na narrativa bíblica

E plantou o Senhor Deus um jardim no Éden, da banda do Oriente, e pôs ali o homem que tinha formado. E o Senhor Deus fez brotar da terra toda árvore agradável à vista e boa para comida, e a árvore da vida no meio do jardim, e a árvore da ciência do bem e do mal (Gênesis, 2:8-9).

O que nos chama bastante atenção é a forma de organização deste local, a terra é cercada de árvores frutíferas, enquanto a árvore da “ciência” está localizada no centro de tudo, junto a Adão e Eva. Gilman, ao organizar o país em sua narrativa distribuí a floresta ao redor do seu país deixando a raça de “super-mulheres” ao centro do espaço territorial, mulheres estas que são detentoras de um imenso conhecimento e que são uma representação da árvore da ciência, a qual os três aventureiros buscam e degustam do fruto no decorrer do romance. Um fator que nos chama atenção é o de que, apesar do Éden ser referido como um jardim, em nenhum momento as escrituras mencionam outro tipo de flora além de árvores, o mesmo acontece no romance de Gilman, apesar da floresta ser comparada diversas vezes com um jardim a escrita deixa evidente que toda a flora do país é composta por apenas árvores frutíferas. Ao se aprofundarem sobre o simbolismo da árvore, Chevalier e Gheerbrant pontuam que a árvore é o:

[s]ímbolo da vida, em perpétua evolução e em ascensão para o céu, ela evoca todo o simbolismo da verticalidade [...] Serve também para simbolizar o aspecto cíclico da evolução cósmica: morte e regeneração. Sobretudo as frondosas evocam um ciclo, pois se despojam e tornam a recobrir-se de folhas todos os anos. A árvore põe igualmente em comunicação os três níveis do cosmo: o subterrâneo, através de suas raízes sempre a explorar as profundezas onde se enterram; a superfície da terra, através de seu tronco e de seus galhos inferiores; as alturas, por meio de seus galhos superiores e de seu cimo, atraídos pela luz do céu. Répteis arrastam-se por entre suas raízes; pássaros voam através de sua ramagem: ela estabelece, assim, uma relação entre o mundo ctoniano e o mundo uraniano. Reúne todos os elementos: a água circula com sua seiva, a terra integra-se a seu corpo através das raízes, o ar lhe nutre as folhas, e dela brota o fogo quando se esfregam seus galhos um contra o outro (2015, p. 84).

Essa completa unidade presente no símbolo da árvore é de certo modo transferido para a imagem das mulheres em *Herland*, elas são indivíduos que contém tudo o que é preciso para a vida, são inclusive capazes de gerar vida individualmente.

É evidentemente apontado pela escrita que Deus organizou o jardim para que o homem não tivesse trabalho algum ao buscar alimento, assim como as habitantes de *Herland* o fizeram com a floresta, para poupar tanto a força de trabalho quanto espaço territorial, como apontado no fragmento a seguir: “Elas logo tinham decidido que árvores eram as melhores plantas para alimentação, exigindo muito menos trabalho no cultivo do solo e fornecendo uma grande quantidade de comida em espaço reduzido; além disso, também ajudavam a preservar e enriquecer o terreno.” (GILMAN, 2018, p. 91) O próprio narrador do romance se refere a floresta como um “grandioso jardim” em diversas ocasiões.

Nesta alusão a passagem do Éden Gilman mantém as principais características organizacionais presentes na escrita bíblica em sua configuração textual. Esta influência do intertexto na obra de Gilman apesar de ser um detalhe organizacional é crucial quando consideramos a intertextualidade bíblica na obra, pois demonstra que tal fator não ocorre de forma ocasional já que “qualquer texto se constrói como um mosaico de citações e é a absorção e transformação de um outro texto” (KRISTEVA, 1974 *apud* Koch *et al.* 2008, p. 85).

Terry é retratado como uma fonte de energia que vai contra essa harmonia em todo o decorrer da narrativa, e é assim que ele convence Jeff e Vandyck a fugirem mesmo sendo muito bem tratados e aprendendo a falar a língua das nativas. Sua ação transgressora ao tentar estuprar Alima é punida com a expulsão dessa terra quase que perfeita. Assim como a desobediência de Adão e Eva é punida com a expulsão do Éden, isso reforça que a Terra das Mulheres é um local, tal como o Éden, para aqueles puros de coração.

Ao compararmos com a narrativa de Gênesis podemos fazer uma ligação entre Terry e a serpente, ambos agem como uma força contrária ao meio que estão inseridos. Assim como a serpente em Gênesis é responsável pela desobediência do homem, Terry é responsável pela desobediência e fuga dos três participantes da expedição. Vergara (2005) conclui que a serpente “representa em diferentes culturas: a vida e a morte, a rival do homem, a obscuridade da psiquê humana, a hierofania do sagrado natural, o feminino e o masculino, a alma e a libido,” (2005, p.121), sendo essas, justamente, características muito presentes no personagem no decorrer da narrativa. O que é evidenciado no seguinte trecho do romance:

O sorriso de Terry era irrepreensível, mas não gostei da expressão em seus olhos – de uma criatura prestes a dar o bote. Eu já podia ver a cena: o colar caindo, a mão a agarrando, o grito agudo da garota enquanto ele a puxava para mais perto. Mas não aconteceu. [...] Ele fez sua tentativa, em vão, quase caindo ao se soltar; então, com uma velocidade inconcebível, as três criaturas foram embora. [...] – Você não deveria ter feito isso – Jeff protestou. – Elas estavam sendo amistosas; agora você as assustou. [...] – Bobagem – ele disse. – Era o que queriam. Mulheres gostam de ser perseguidas (GILMAN, 2018, p. 26).

Aqui podemos observar na personalidade de Terry o que Vergara (2005) chama de “obscuridade da psiquê humana”, ao tentar dominar a nativa que estava até então sendo amigável, o personagem expõe seu lado obscuro, o que de certo modo surpreende e choca até mesmo seus amigos próximos. A características da libido pode também ser identificada de forma muito marcante na obra, não aceitando as

condições de sua parceira Alima acerca do sexo como ato reprodutor que deve ser praticado apenas em época de procriação

Terry colocou em prática sua convicção animalesca de que uma mulher gosta de ser dominada. Com sua força bruta, com todo o orgulho e toda a paixão de sua intensa masculinidade, ele tentou dominá-la. Não funcionou. [...] Terry se debatia como um louco; teria matado todas alegremente – foi o que me disse depois –, mas não conseguiu. Quando ergueu uma cadeira sobre a cabeça, uma delas pulou e o agarrou, então outras duas se jogaram e o derrubaram; levaram apenas alguns segundos para amarrar seus pés e suas mãos (GILMAN, 2018, p. 145).

O ocorrido confirma mais uma vez o comportamento descontrolado de Terry, é importante ressaltar que novamente o narrador identifica características animalescas no personagem, corroborando assim mais uma vez para a ideia da obscura psiquê de tal. É possível também afirmar que tal ação foi guiada pela libido desenfreada apontando desse modo mais uma das características identificadas por Vergara (2005) no símbolo da serpente.

Vale ressaltar que no texto bíblico o pecado e a desobediência são introduzidos através da serpente e sua persuasão para com Eva; ora, em Herland a autora consegue ressignificar a narrativa, a desobediência é então causada através da influência de Terry para com seus amigos.

Foi com a extinção do homem que o crime e o pecado foram erradicados daquele país, da mesma forma que foi com o retorno de homens que o primeiro crime em mais de cem anos volta a acontecer, enquanto na bíblia a mulher é responsável pelo mal e o pecado que se espalhou pelo mundo, na obra de Gilman o homem é em si é a raiz de todo o mal. Dessa forma, o romance está de acordo com a sua luta no movimento feminista. Podemos então assimilar a opressão e a visão masculina de superioridade da época como a raiz de todos os males da sociedade do século XX e que a resolução para isso não é, como na obra, a extinção do sexo masculino, mas a aceitação e inserção do sexo feminino em todas as esferas da sociedade. A expulsão de Terry não é apenas uma forma de castigo, mas uma tentativa de impedir que o crime e o pecado voltem a corromper aquela terra como já houvera acontecido. A volta de homens aquele país significa o retorno do ato sexual, e conseqüentemente do pecado original.

3.2 O dilúvio e o deslizamento

Ao se aprofundarem pela história daquele país, os personagens são apresentados aos acontecimentos que contribuíram para que aquela sociedade fosse organizada como tal. O país que já havia sido habitado por homens e mulheres enfrentou uma série de acontecimentos, como exposto no seguinte excerto:

O que aconteceu a princípio foi apenas uma sucessão de infortúnios históricos, como os que atingem outras nações com demasiada frequência. A população foi dizimada pela guerra, sendo afastada da costa até que, reduzida, com tantos homens mortos na batalha, ocupou o terreno elevado, entre as passagens das montanhas, e o defendeu por anos. Onde havia abertura para um potencial ataque vindo de baixo, fortaleceram as defesas naturais de modo que fosse impossível escalar, como tínhamos visto (GILMAN, 2018, p. 65).

Essa sucessão de fatos ao ser comparada com a narrativa bíblica de Gênesis capítulo 6 nos leva a acreditar que a possível causa para todos esses acontecimentos são de certa forma uma punição divina. O desenvolvimento da sociedade e a construção de riquezas atraiu para aquela terra conflitos por poder.

Gênesis 6 nos apresenta problemas semelhantes aos enfrentados pelos habitantes de *Herland*, no entanto eles são introduzidos a partir da perspectiva divina para com o homem, uma vez que Deus percebe que junto com a multiplicação do homem a maldade também se multiplicara (NUNES JÚNIOR, 2017, p. 112). A narrativa bíblica do dilúvio nos apresenta um Deus desapontado com sua criação, A decisão de varrer todos os seres vivos da face da terra é tomada pelo fato do ser humano ter sido corrompido em pensamentos e atitudes. O que pode ser identificado na passagem a seguir:

E viu o Senhor que a maldade do homem se multiplicara sobre a terra e que toda imaginação dos pensamentos de seu coração era só má continuamente. Então, arrependeu-se o Senhor de haver feito o homem sobre a terra, e pesou-lhe em seu coração. E disse o Senhor: Destruirei, de sobre a face da terra, o homem que criei, desde o homem até ao animal, até ao réptil e até à ave dos céus; porque me arrependo de os haver feito (Gênesis, 6:5-7).

No romance um possível fator é citado de forma sutil para o arrependimento e a punição divina, a ideia de serem uma sociedade poligâmica pode ter sido, assim como em Gênesis, a natureza impura do homem, o causador da intervenção divina em *Herland*. As similaridades continuam presentes em ambas as narrativas. Como pode ser observado a partir do trecho abaixo, os moradores daquela terra fizeram tudo possível para permanecerem vivos, no entanto a combinação dos acontecimentos levou a extinção de todos os homens. É importante ressaltar que o extermínio dos homens restantes aconteceu pelas próprias mãos das mulheres de *Herland*, o que nos mostra o quão forte são elas. Tal cenário pode ser observado no trecho a seguir:

O povo lutou bravamente pela sobrevivência, mas nenhuma nação pode evitar o que as companhias de navios a vapor chamam de “um ato de Deus”. Enquanto toda força armada estava fazendo seu melhor para defender o caminho para a montanha, houve uma erupção vulcânica e alguns tremores localizados. O resultado foi o fechamento completo da passagem – a única que havia. No lugar dela, uma nova crista, extremamente íngreme e alta, se colocou entre o povo e o mar; ficaram todos murados, e debaixo do muro estava seu exército inteiro. Sobraram pouquíssimos homens além de escravos, que aproveitaram a oportunidade para organizar uma revolta, matando seus antigos mestres até o mais jovem garoto, além das mulheres mais velhas e das mães, com a intenção de assumir o controle do país com as jovens e garotas [...] Porém tal sucessão de infortúnios pareceu demais para aquelas virgens furiosas. Havia muitas delas, e poucos dos novos supostos mestres, de modo que, em vez de se submeter a eles, elas se levantaram em um ato de desespero e mataram seus brutais conquistadores (GILMAN, 2018, p. 65).

Essa sequência de infortúnios, somados a revolta das virgens que restaram resultaram no extermínio de todos os homens. Uma característica que nos chama atenção é que apenas as mulheres virgens foram poupadas pelos escravos, Chevalier e Gheerbrant apontam que a virgindade é, na tradição cristã, o estado de não manifestação ou não revelação, o que implica que o espírito virgem está pronto e fecundo para receber o sêmen divino (2015, p. 961 - 962). O que, como veremos no tópico seguinte, ocorre com as habitantes daquela terra.

O fato do extermínio dos não merecedores se dar em parte através de uma ação da força da natureza é também uma alusão ao texto bíblico e os quarenta dias de chuva que conseqüentemente levaram ao dilúvio. A diferença que nos chama atenção é que na narrativa bíblica os seletos a sobreviverem recebem instruções do que fazer; em *Herland*, por outro lado, as mulheres devem descobrir como prosseguir e a mensagem divina vem de forma demorada e não anunciada.

Desta vez a alusão ao texto bíblico é de mais fácil identificação por não se tratar apenas de aspectos da organização geográfica. Aqui temos um acontecimento em comum, a dizimação de um povo, através de uma força da natureza a qual ambos os textos atribuem a uma força divina. Apesar deste intertexto ser considerado por nós de mais fácil identificação ele também é um exemplo de Intertextualidade implícita já que “o produtor do texto espera que o leitor/ouvinte seja capaz de reconhecer a presença do intertexto pela ativação do texto-fonte em sua memória discursiva” (Koch *et al.* 2008, p. 30 – 31).

A terra tem um papel essencial no simbolismo dos acontecimentos em *Herland*, o fato dos habitantes serem aprisionados entre as montanhas chama nossa atenção. Chevalier e Gheerbrant (2015) identificam que as montanhas possuem o simbolismo do encontro com ou da ponte para o céu, elas são um meio de alcançar o divino (p. 616), e é apenas após o isolamento dentre as montanhas que a paz reina naquela terra e o divino se manifesta diretamente para com elas através de um milagre. As montanhas são na obra de Gilman uma ressignificação da imagem da arca² do texto bíblico, já que elas quem protegem e preparam a população para um reencontro com o mundo exterior e conseqüentemente novamente com o pecado.

Como bem aponta Nunes Júnior (2017) em sua análise ao texto bíblico Deus oferece novamente a terra para o homem e os animais, agora livres de qualquer influencia maldosa, existe a necessidade e o convite a reprodução para o repovoamento da terra (p. 121). Em *Herland* esse convite a multiplicar e prevalecer não existe de forma explícita pois o sexo oposto foi extinto, existe então o desafio de sobreviver e o questionamento de como evitar a extinção. O que ocorre com a concepção do milagre.

3.3 A virgem Maria e a matriarca

O desafio de evitar a extinção aparentemente inevitável não abalou as moradoras restantes de *Herland*, elas se organizaram, enterraram os mortos e uniram forças para trabalhar e cuidar uma das outras. É evidente a crença das habitantes daquela terra no conceito que afirma que aqueles que trabalham duro sem questionamentos recebem graças divinas, conceito esse presente também na tradição cristã. É com essa ideia que elas seguem por dez anos trabalhando e se tornando mais sábias, até que o milagre acontece.

Por cinco ou dez anos elas trabalharam juntas, tornando-se mais fortes e sábias, e cada vez mais apegadas umas às outras. Foi então que o milagre aconteceu: uma dessas mulheres ficou grávida. É claro que todas acharam que deveria haver um homem em algum lugar, mas nenhum foi encontrado. Assim, elas decidiram que devia ser um presente dos deuses, e colocaram a orgulhosa mãe no templo de Maaia, sua deusa da maternidade, sob extrema

² A arca é, no texto bíblico, uma embarcação criada para abrigar a família de seletos que devem sobreviver a punição divina que livraria a terra do pecado, os selecionados devem repovoar a terra.

vigilância. Conforme os anos passaram, aquela mulher teve filha após filha, cinco no total, todas meninas (GILMAN, 2018, p.67).

O fator persistência e a sororidade continuamente crescente naquela sociedade foi o impulsionador para a concepção do milagre e a redenção de um povo que sofreu por dez anos sem qualquer sinal de salvação. A redenção e a esperança serem concedidas por meio de uma criança concebida por um milagre nos remete diretamente a visita do anjo a Maria e o anúncio da vinda do salvador da humanidade. A narrativa do milagre da virgem Maria foi o fator inspirador para a escritora, na seguinte passagem o anjo anuncia a gravidez de Maria:

Disse-lhe, então, o anjo: Maria, não temas, porque achaste graça diante de Deus, E eis que em teu ventre conceberás, e darás à luz um filho, e pôr-lhe-ás o nome de Jesus. Este será grande e será chamado Filho do Altíssimo; e o Senhor Deus lhe dará o trono de Davi, seu pai, e reinará eternamente na casa de Jacó, e o seu Reino não terá fim (Lucas, 1:30-33).

Mesmo em *Herland* não havendo nenhum anúncio, elas deduzem que a geração da primeira criança foi um presente divino. Dessa forma uma nova raça surgiu, de mulheres e irmãs, todas descendentes de uma única mulher. E aquela terra nunca viu tempos tão prósperos sem guerras ou disputas, apenas mulheres e irmãs que evoluíram juntas. O acontecimento da extinção dos homens ser procedido da cooperação e prosperidade nacional nos leva novamente a afirmar que naquele local o homem era a raiz de todos os males, e bastou alguns anos afastadas do sistema patriarcal para que a paz e a harmonia alcançassem toda aquela terra.

É de demasiada importância fazer um parêntese para destacar a importância da virgindade e de sua associação com a pureza em ambos os textos. Ao observarmos o dicionário de símbolos os autores apontam a virgem Maria como

a alma perfeitamente unificada, na qual Deus tornou-se fecundo. Ela continua virgem, pois continua intacta em relação a uma nova fecundidade. A criança divina nasce sem a intervenção do homem no mistério cristão que justamente neste aspecto coincide com os mitos da Antiguidade, que representam o nascimento milagroso do herói. A Virgem Mãe de Deus simboliza a terra orientada para o céu, que se torna também uma terra transfigurada, uma terra de luz. Daí vêm o seu papel e a sua importância no pensamento cristão, enquanto modelo e ponte entre o terrestre e o celeste, o baixo e o alto (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2015, p. 962).

A virgem mãe é então a “ponte entre o terrestre e o celeste”, e é por essa conexão com o sagrado que ela é capaz de gerar o filho de Deus.

Fica evidente, ao fazer a leitura do romance, que Gilman se apropria da figura da virgem Maria presente na bíblia e a ressignifica em sua obra atribuindo o papel de mãe salvadora não a uma única mulher, mas a toda aquela nação. No referente a maternidade é possível destacar que apesar de nem todas aquelas mulheres serem mães (por questões referentes ao controle populacional), todas elas agem como figuras maternas e educadoras na vida das crianças daquele país.

Aqui temos uma irmandade humana em funcionamento – ela prosseguiu. Além da irmandade literal de nossa origem, e da união mais profunda e elevada de nosso crescimento social. As crianças neste país são o centro e o foco de todo pensamento. Cada passo à frente é sempre avaliado do ponto de vista que terá nelas: na raça. Como vocês veem, somos mães (GILMAN, 2018, p. 77 – 78).

Essa característica materna atribuída não apenas a um personagem, mas a todo um país nos demonstra que todo aquele povo vive uma relação materna entre si e seu montanhoso território.

Visto isso, é importante discorrer sobre o simbolismo da mãe, Chevalier e Gheerbrant apontam de forma muito direta as principais características do símbolo materno, como evidenciado no trecho seguinte:

A mãe é a segurança do abrigo, do calor, da ternura e da alimentação; é também, em contrapartida, o risco da opressão pela estreiteza do meio e pelo sufocamento através de um prolongamento excessivo da função de alimentadora e guia: a genitora devorando o futuro genitor, a generosidade transformando-se em captadora e castradora (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2015, p. 580).

Não é visível em Herland se essa característica captadora da mãe está presente no sentimento materno do país, já que nenhuma relação direta com as crianças é descrita de forma específica, o que nos leva a afirmar que tal opressão materna é inexistente. No entanto é possível identificar estas características no país, é a terra que dá proteção e abrigo aos moradores quando os invasores avançam em seu território, assim como também é a terra que provém o alimento daquele povo, essa terra é, porém, também opressora, ela priva suas filhas do contato com o mundo externo, como uma mãe que não quer que seu filho cresça e deixe o lar.

O movimento intertextual feito pela autora aqui é de certo modo ressignificar algumas das alusões as quais ela faz uso, ao se referir a vinda de Jesus, a autora muda o seu contexto, ao invés de uma única criança ser responsável pela redenção e salvação da humanidade, como é na bíblia, em sua obra cada geração seguinte a partir da matriarca carrega essa responsabilidade, ou seja, o fardo de salvar o povo é distribuído igualmente entre todas as habitantes de *Herland*. Outro movimento significativo feito pela autora foi o de atribuir características maternas no próprio país, ela então faz uso, mais uma vez, do intertexto da Arca ao considerar que mesmo lhes provendo o alimento e a segurança aquela terra as impede de retornar em contato com outras nações. Este diálogo entre os textos é o que torna a análise ainda mais coerente já que “o texto só ganha vida em contato com outro texto (com contexto) somente neste ponto de contato entre textos é que uma luz brilha, ilumina tanto o posterior como o anterior, juntando dado texto a um diálogo [...] por trás desse contato está um contato de personalidades e não de coisas” (BAKHTIN, 1986, *apud* KOCH *et al.* 2008, p. 9).

A sacralidade dos símbolos da virgindade e da maternidade são muito bem aproveitados por Gilman na construção de sua narrativa. A forma que tais imagens transmitem na tradição cristã uma conexão com o divino só reforçam os pontos que foram levantados ao longo desta pesquisa. Essa terra remota é de todas as formas, favorável para a conexão com o divino, seja por sua localização geográfica, seja por suas habitantes que são a personificação do sagrado.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa buscou, primeiramente, evidenciar a importância de reconhecer o texto bíblico como literário através dos estudos de Magalhães (2008, 2012), Brandão da Silva (2016) e Lima (2015). Foi possível listar diversas características literárias presentes na bíblia e a partir disto afirmar que o texto bíblico deve ser usado como fonte literária em estudos acadêmicos. Em seguida

apresentamos características da teoria da intertextualidade de acordo com os estudos de Koch *et al.* (2008) e Samoyault (2008) para validar nossa busca por passagens bíblicas na obra de Gilman. A seguir, trouxemos um breve resumo dos principais acontecimentos da obra pontuando de forma rápida as passagens bíblicas que consideraríamos em nossa análise. Por último, nos aprofundamos nos extratos da obra os quais os intertextos bíblicos puderam ser identificados apontando a significação de alguns símbolos bíblicos que foram ressignificados pela autora, para isso os estudos de Chevalier e Gheerbrant (2015) foram de extrema ajuda. A partir de nossos estudos é possível afirmar que existem diversas alusões referentes a bíblia presentes na obra *Herland* de Charlotte Perkins Gilman, esses intertextos foram ressignificados e em alguns casos até mesmo subvertidos para a construção de sua narrativa. Além disto, é possível identificar um grande simbolismo presente em ambos os textos (a bíblia e *Herland*) o que reafirma o quão produtivo é considerar o texto bíblico como literatura, ele carrega consigo não apenas a fé, mas a cultura de um povo.

A relevância de estudos sobre literatura e religião tem se tornado cada vez mais evidente, assim como todo texto é constituído de vários intertextos a constituição dos pensares sociais são também constituídos de um enorme mosaico de discursos, a bíblia é um grande constituinte deste pensar social, de tal modo ela não deve ser desassociada da formação cultural do povo cristão, deve ser considerada em todos as esferas do pensar acadêmico, já que é um texto basilar da sociedade ocidental. Esperamos que esta pesquisa tenha contribuído para o já bem suprido acervo de trabalhos sobre literatura e religião e que as informações aqui debatidas possam responder ou gerar questões para futuras pesquisas.

REFERÊNCIAS

Bíblia Sagrada – Nova Versão Internacional. Colorado Springs: Biblica, 2000.

BRANDÃO DA SILVA, Eli. **Literatura e Religião Tecidas na Metáfora.** Plural Pluriel, 2016. Volume 15, 2016.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos:** Mitos, Sonhos, Costumes, Gestos, Formas, Figuras, Cores, Números. Tradução: Vera Da Costa e Silva, *et al.* 27. Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2015.

GILMAN, Charlotte Perkins. **Herland:** a Terra das Mulheres. Tradução: Lígia Azevedo. 1. Ed. São Paulo: Via Leitura, 2018.

KOCH, Ingedore G. Villasa; BENTES, Anna Christina; CAVALCANTE, Mônica Magalhães. **Intertextualidade:** Diálogos Possíveis. 2. Ed. São Paulo: Cortez, 2008.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. Pesquisa. *in:* LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade **Fundamentos de Metodologia Científica.** 5. Ed. São Paulo: Atlas 2003. p. 155 – 173.

LIMA, Anderson de Oliveira. **A Bíblia Como Literatura – A Bíblia Como Ficção.** Estudos de Religião Volume 29, Número 1, p. 153 – 168, 2015.

MAGALHÃES, Antônio. **A Bíblia Como Obra Literária.** Hermenêutica literária dos textos Bíblicos em diálogo com a *teologia*. In: Congresso Internacional da ABRALIC Tessituras, Interações, Convergências. 11. São Paulo, 2008

MAGALHÃES, Antônio. **A Bíblia na Crítica Literária Recente.** Teoliterária Volume 2, Número 4, p. 133–143, 2012.

MATIOLEVITCZ, Cássia Silva. **Herland: Utopia e Feminismo** em Charlotte Perkins Gilman. Tangará da Serra, 2018.

NUNES JÚNIOR, Edson Magalhães. **A Terra em Gênesis 1 – 9: Uma Leitura Microscópica Crítica da Narrativa.** 2017. 140 p. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Judaicos, Universidade de São Paulo, 2017.

SAMOYAULT, Tiphaine. **A Intertextualidade.** Tradução: Sandra Nitrini. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008.

VERGARA, Elias Mayer. **Fora do Jardim! Uma Leitura Psicanalítica de Gênesis 3.** Goiânia, 2005.

AGRADECIMENTOS

Ao professor Giovane por ter me orientado e pela paciência durante o processo da escrita.

A banca examinadora, por terem aceitado avaliar esta pesquisa.

A minha mãe, Maria Caboclo da Silva, por ter acima de tudo, me incentivado a estudar.

A minha esposa, Eduarda Maria dos Santos Sales, por todos os conselhos e suporte durante todo meu processo de formação profissional.

Aos meus familiares e amigos, por terem me apoiado e ajudado nesta jornada.

A todos os meus professores e professoras, do maternal ao ensino superior, por terem influenciado na escolha de minha profissão.